

*Sobre o livro de Louis Gill, George Orwell da Guerra Civil Espanhola à 1984.  
(Québec, Lux Éditeur, 2005.)*

*Pós-doutor pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, França, professor adjunto do Departamento e Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA e coordenador do Núcleo de Pesquisa Oficina Cinema-História.*



Dizem que nenhum evento da história mereceu tantos escritos como a Guerra Civil Espanhola. Pode bem ser verdade tal assertiva, exatamente pelo fato dela ter ocorrido, como diriam os poetas, como a última “flor do lascio”. Na verdade, os acontecimentos que passaram à história através da denominação de *Guerra Civil Espanhola* foram a última promessa da revolução socialista no ocidente do entre - guerras. Assim sendo, a esmagadora maioria dos referidos livros e escritos sobre a Guerra da Espanha, cometem logo no ponto de partida, um equívoco científico, pelo fato de não considerarem senão a dimensão imediata e não processual da Guerra. De fato, ela começou antes de julho de 1936. Mas também é absurdo considerá-la, de fato, uma guerra entre civis. Que uma parte considerável da população tenha participado dos levantes insurrecionais e da Guerra e que tenha sido, sobretudo, sua maior vítima é um fato que diz muito, e em várias medidas, das causas ligadas às questões democráticas pendentes e da participação de homens, mulheres, adolescentes e até crianças nos processos que envolveram a Guerra. É verdade que, assim que os chamados cidadãos (trabalhadores diversos, operários, sindicalistas, camponeses, soldados, etc.) souberam da sublevação franquista, muitos dentre eles se apresentaram voluntariamente para a defesa das conquistas democráticas inacabadas. Como lembra o próprio Manuel Azaña – que havia se tornado Presidente em maio de 1936, muitos soldados se recusaram a permanecer no Exército Regular e mesmo os Oficiais que se diziam partidários da II República eram vistos com

desconfiança. O povo achava-se indomável e era para ele, a fraqueza do seu Governo frente aos golpistas. Diz literalmente:

Reduzir aquelas massas desmandadas à disciplina, fazê-las entrar em uma organização militar do Estado, com comandos oriundos do Governo, para defender a guerra conforme aos planos de um Estado Maior, constituiu o problema capital da República. (AZAÑA, 1986. p.69)

Na verdade, ao querer reagir contra os golpistas as massas de trabalhadores, soldados e camponeses, assim como também, parte considerável dos setores médios da população, se deparam com as vacilações do Governo que buscava a todo custo uma saída conciliatória com os golpistas. Ao visarem os generais e os oficiais diversos, enfim, o oficialato do “pronunciamiento”, terminam colocando em causa a República liberal e o Governo de Frente Popular. Broué lembra que sob a República, tem cada vez menos oficiais republicanos. O próprio governo Azaña incentiva a aposentadoria antecipada e, sobretudo aqueles de esquerda aproveitarão a ocasião para deixar de uma vez por todas o Exército cuja atmosfera era mesmo irrespirável. Assim, “a grande maioria dos quadros e a totalidade dos grandes chefes são convictos monarquistas, partidários das oligarquias, adversários de toda evolução, inimigos mortais da revolução”. (BROUÉ, 1961. p. 27-8). E se o Exército Regular Nacional espanhol não seria capaz de resistir durante uma semana a um exército moderno, ele continuava capaz, como havia feito nas colônias com sua Legião Estrangeira e na



própria Astúrias em 1934, de massacrar impiedosamente qualquer tentativa revolucionária. Tratava-se de uma casta privilegiada que encarnava supostamente todas as virtudes da velha Espanha, se afirmava como um corpo político autônomo. Será exatamente da conjugação de um número importante de fatores como esta autonomia e sua ligação com os valores mais tradicionais da Espanha gloriosa e católica da era das grandes navegações que fez da ditadura franquista um feito das armas, mas não numa guerra entre civis e sim, de militares contra civis. Como bem lembra Guy Hermet, em 1939, quase no final da Guerra, o Exército Nacionalista tinha um efetivo de 1.020.000 homens e o *Exército Popular* 600.000. (HERMET, 1989. p. 241)

Além de tudo isso não se consegue esconder o fato de que o Exército Regular de milhares de militares de carreira - dos soldados aos 800 generais que os comandavam, organizou legionários marroquinos armados por esse mesmo Exército e contou ainda com a ajuda e a intervenção direta de setores do exército italiano e alemão sob o comando de Mussolini e de Hitler. Como, portanto, acentuar o caráter da participação civil se isto esconde o volume e a potência da intervenção direta, nacional e internacional, de militares de carreira do lado dos golpistas liderados por Francisco Franco? Nestes termos não ocorreu uma guerra civil, mas uma guerra de militares nacionalistas reacionários e fascistas, contra civis de diversas orientações e inclusive a simples convicção da necessidade da defesa dos ideais progressistas, democráticos e os da simples liberdade.

É certo que outras forças vieram no socorro da República e do Governo legitimamente eleito de Largo Caballero. Este foi o caso das Brigadas Internacionais, como legendária Abraham Lincoln ou as forças militares que vieram da URSS, mais de seis meses após o início dos conflitos. Nada comparável com a intervenção direta e ajuda externa à Franco, vinda de Hitler e de Mussolini, (NÓVOA, 1996) em homens e material bélico pesado. Do lado da República vieram também inúmeros anônimos e dentre eles um inglês que ficou conhecido pelo pseudônimo que adotou para sempre: George Orwell.

Todavia existem alguns autores fogem a esta regra. Ou seja, mesmo quando denominam os acontecimentos que fizeram a trama da história espanhola de 1936 a 1939 de Guerra Civil Espanhola sabem muito bem do que estão falando. A revolução, sobre outras formas, pode ser denominada de guerra civil. Podemos dizer que, mesmo sem se tratar de um historiador de profissão George Orwell felizmente faz parte dessa pequena gama de “escritores de memórias” e ou de ficção que conseguiram capturar aquilo que a maioria deixa escapar sem se dar conta ou em muitos casos, de boa vontade. Orwell, ao escrever suas memórias realiza com muita competência e também com muita consciência de causa o projeto de Walter Benjamin que diagnosticava e prognosticava para aqueles tempos a necessidade de escrever a história à contra-pêlo!

Eric Arthur Blair que nasceu em Bengala na Índia, foi um campeão nessa arte. Mas antes de escrever sobre os processos históricos



preferiu vive-los, sempre. Foi assim quando decidiu ir para Paris e perambular pelas ruas pedindo esmolas, dormindo nas ruas ou em albergues, lavando pratos em restaurantes de terceira categoria para ter o que comer, dando aulas e escrevendo romances baratos, como bem retratou um dos seus biógrafos, Bernard Crick(1984). Impressiona assim, o fato de que Orwell parecia sempre querer ver com seus próprios olhos, sentir com a própria carne e concluir com o próprio cérebro. Sem dúvida, isso lhe custou contrair pneumonia, por exemplo, nas suas andanças parisienses. Isto lhe enfraqueceu os pulmões, o que provavelmente facilitou o seu contágio e morte em janeiro de 1950 por tuberculose. “Viver é preciso”, era o seu lema e talvez assim se possa explicar sua vontade de combater pela verdade. Talvez por isso tenha servido na Polícia Imperial Indiana vacinando-se para sempre contra todo e qualquer ato de violência visando o controle das consciências e do homem passando a odiar eternamente o imperialismo inglês. Quando se referia à antiga Escola Preparatória de St. Cyprian, onde estudou dos 8 aos 13 anos dizia tratar-se de um poderoso complexo social e uma instituição despótica, punitiva e arbitrária, que tinha, sobretudo o objetivo de eternizar a ordem estabelecida.

Orwell foi dessas figuras fascinantes que traziam na própria história de vida, imanentemente à sua essência, o lado revolucionário, sequioso de autenticidade e verdade. Junto a este lado, um outro romântico que não se cansava “involuntariamente” de reproduzir alguns dos personagens de poetas e romancistas, como os do socialista in-

glês Willian Morris, daqueles do não menos fascinante John Reed ou de um Victor Serge. Com a natureza desses homens - e de seus personagens, se rodava meio mundo em busca da verdade. E a verdade para eles era o socialismo democrático e libertário de visagem humana! Por isso são impressionantes. Mas impressiona mais ainda que, já na sua época, Orwell tivesse sido um “incompreendido”, um “rejeitado”, um “renegado”. Não foram apenas das elites intelectuais inglesas e de outros países que se aproveitavam dos seus escritos contra o totalitarismo para reafirmar valores de uma “democracia” supostamente liberal. Os capitalistas exultavam porque o viam com o olhar concupiscente do capital; como se o comunismo fosse atacado, de fato, por Orwell. Os comunistas também o atacaram porque não sabiam, melhor, não queriam distinguir entre socialismo e totalitarismo. Quando Orwell, o internacionalista Eric Blair, decide ir lutar na Espanha, o Partido Comunista Britânico se negou a lhe dar cartas de recomendações por considerá-lo suspeito politicamente. Ele só as conseguirá junto ao pequeno ILP (Partido Trabalhista Independente) que se achava próximo ao POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) que tinha entre seus dirigentes alguns ex-colaboradores de Leon Trotsky, mas que haviam rompido com o velho revolucionário e durante aquela conjuntura (para o bem e para o mal) tinham com ele relações bastante conflituosas. Mas o PSUC (Partido Socialista Unificado da Catalunha) e o PCE (Partido Comunista Espanhol) desde antes do início da Guerra já declaravam ser o POUM um partido trotskysta e, de certo modo,



este estigma também se funde, e apesar de sua independência, com a figura de Orwell. Mesmo personagens respeitáveis, como Raymond Williams, não conseguiram escapar a essa sanha epidérmica. Mesmo alguém que foi nada mais, nada menos, aquele que ainda hoje permanece, para muitos, como o maior historiador das biografias de Stálin e de Trotsky foi injusto com Orwell. Isaac Deutscher, sem dúvida, grande historiador e talentoso escritor antitotalitarista e anti-estalinista, participe, como Victor Serge, da Oposição de Esquerda, escreveu em seu livro *Heretics and renegades* caracterizando o 1984 de Orwell de “o misticismo da crueldade”. Realmente, ele compreendeu muito pouco da obra e da trajetória de Orwell ou então capitulou à pressão estalinista sem se dar conta. É possível duvidar da qualidade estética da obra artística de Orwell, como de quem quer que seja. Mas não se duvida da honestidade e do valor dos engajamentos de um homem como Eric Blair sem cometer uma injustiça. Lembra Crick em 1946 diante de seu fim prematuro, Orwell diz:

O que eu mais quis nos últimos dez anos foi fazer de um escrito político, uma arte. (...) Percebo hoje, olhando com distanciamento que invariavelmente fracassei exatamente onde faltava um objetivo *político* ao meu escrito e foi quando escrevi livros vazios de vida (...). (CRICK, 1984, p. 8)

Felizmente, esse não será o caso de Louis Gill quebequense, economista e historiador<sup>1</sup>. Ele nunca escreveu livros vazios de vida, mesmo não sendo artista. Nesse oceano de silêncio sobre a revolu-

ção espanhola de 2006, Louis Gill conseguiu uma pérola que é uma vitória importante na batalha pela memória e pelo conhecimento histórico daqueles anos difíceis, mas além, em alguma medida, da biografia do próprio Eric Arthur Blair, com o seu livro *George Orwell de la Guerre Civil Espagnole à 1984*, publicado em 2005. Aliás, seu objetivo com este estudo não foi propriamente escrever uma biografia de Orwell, nem da história espanhola naquela conjuntura e sim, mostrar como aqueles anos foram decisivos para a afirmação do pensamento político de Orwell e para a gênese de 1984. Colocando o mais célebre dos romances de ciência-ficção entre autores e obras como *Zamiatine (Nous autres)*, Jack London (*Talon de fer*), Huxley (*Admirável mundo novo*), e de outros não menos renomados escritores como Boris Souvarine (*Stálin*), André Gide (*Rétour de l'URSS*) e Arthur Koestler (*Le Zero et l'infini*), Gill singulariza Orwell. Lembra que Orwell exprimirá com profunda clareza o sentimento que o inspirou naqueles anos difíceis. É Orwell quem afirma no artigo intitulado *Looking back on the Spanish War* (publicado no Brasil pela Globo em 1986 sob o título *Recordando a Guerra Civil*)<sup>2</sup>:

Lembro-me de haver dito a Arthur Koestler: “A história estancou em 1936”, ao que ele concordou de imediato balançando com a cabeça. Pensávamos os dois ao totalitarismo em geral, mas particularmente na guerra civil espanhola. Muito cedo, na minha vida, pude perceber que nenhum acontecimento é relatado com exatidão nos jornais, mas na Espanha, pela primeira vez, vi artigos de jornais que não tinha absoluta-



mente nada com os fatos, nem mesmo a aura de uma mentira ordinária. Li artigos dando conta de grandes batalhas, quando não havia ocorrido nenhum combate e silêncios glaciais quando centenas de homens haviam sido mortos. Eu vi soldados que haviam bravamente combatido serem denunciados como covardes e traidores e outros que não haviam jamais dado um único tiro de fuzil, proclamados heróis de vitórias fictícias(...). Vi, assim, a história escrita não conformemente não ao que realmente se passou, mas ao que supostamente havia se passado segundo as diversas "linhas de partidos"(...). Esta sorte de coisas me terrifica, porque me dão a impressão de que a noção mesma de verdade objetiva está desaparecendo desse mundo (...). À todos fins úteis, a mentira tornar-se-á verdade (...). A vitória implícita desse modo de pensar é um mundo *pesadelesco* no qual o Chefe - ou algumas castas dirigentes, controla não somente o futuro, mas o passado. (...) Esta perspectiva me terrifica muito mais que as bombas – e após nossas experiências dos últimos anos, não se trata de uma conjectura frívola. (citado por GILL, 2005, p. 91)

Quem não se lembra da inscrição no início do filme *1984*: "Aquele que domina o presente, domina o passado". Não conseguimos saber quais imagens são mais aterradoras; se as do libelo escrito por Orwell, ou se as transpostas para a película. Seja como for, como bem assinala Gill de diversas formas e em várias partes de seu livro, a passagem de Orwell/Blair pela Espanha é fundamental para a forma-

ção de seu pensamento político. É mesmo a seiva que destilou ao escrever *A Revolução dos Bichos* 1984. São obras da última fase da vida de Orwell. Exatamente aquela em que perfidamente alguns tentam pintar como anos de capitulação de Orwell. Blair jamais capitulou porque Orwell era mais que um pseudônimo: era um modo de vida. Como bem assinala Crick,

Orwell não tinha grandes segredos a esconder, mesmo se preservava sua vida privada e evitava esforços inúteis. Em certos momentos, ele se ocupa mais de seus escritos que de sua vida e, em todo caso, mais que de seu conforto pessoal. Tratava-se de um só golpe, de um homem corajoso e de alguém que vivia duramente, em nome inicialmente da "escrita" e depois, de mais a mais, em nome daquilo que ele queria escrever. (1984, p. 21)

Em outra passagem significativa Gill se referi às relações de Orwell com o mundo da intelectualidade e das petições em torno da Guerra da Espanha. Nancy Cunard, coordenadora da petição *Escritores Tomam Posição sobre a Guerra na Espanha* e filha de um riquíssimo armador de uma empresa de transporte marítimo, a CUNARD STEAMSHIP LINES lhe envia uma demanda de posicionamento, ao que Orwell responde:

Por favor, não me escreva mais essas idiotices de merda (*bloody rubbish*). Já é a segunda ou a terceira vez que eu as recebo (...) Eu passei seis meses na Espanha combatendo



na maior parte do tempo; carrego um buraco de bala na pele e não tenho vontade de escrever besteiras pela defesa da “democracia”. Ainda mais que eu sei o que se passa e o que se passou no campo republicano no curso dos últimos meses. Eu sei que se está impondo o fascismo aos trabalhadores espanhóis em nome da luta contra o fascismo; desde maio, está sendo imposto um regime de terror nas prisões - e qualquer outro lugar que pode ser transformado em prisão - se enche de detentos que serão penalizados sem julgamento, a menos que morram de fome. São injuriados e supliciados sem escrúpulos (...). Ao que tudo indica, a Senhora tem dinheiro; e está bem informada, de sorte que não resta dúvida que sabe alguma coisa sobre a história da guerra; e a se associou deliberadamente à defesa da escroqueria (do “racket”) da “democracia”, quer dizer, do capitalismo, para contribuir ao esmagamento da classe operária espanhola. Defende assim, indiretamente os benefícios sujos que subtrai. Mas se eu escrever seis linhas daquilo que eu sei sobre a guerra civil espanhola, a Senhora não publicará. Não terá a coragem. (citado por GILL, 2005, p. 101-2)

Orwell sabia do que falava, pois como assinala Gill, o exemplo do assassinato de Andrés Nin, é cristalino sobre a problemática em causa. Mas vale também para tantos outros casos de inúmeros diplomatas, conselheiros políticos, militares e delegados do KOMINTERN que foram levados de volta e simplesmente fuzilados uma vez em Moscou e mesmo em outras tantas partes do mundo. (BROUÉ, 1993

e 1997) A referida petição citada acima foi assinada por 148 escritores, alguns dos quais, como Koestler, Orwell estimava. Mas, como sempre, muito oportunismo grassou no interior da categoria dos intelectuais. Gill faz alusão ao II Congresso Internacional dos Escritores que ocorreu em julho de 1937 em plena Madri. Os escritores, em sua maioria, passavam de uma “festa” à outra, em Valência, Barcelona, Madri, Paris, participando, conscientemente ou não, de uma operação que camuflava a passagem do Governo republicano à submissão às ordens de Moscou. Lembra ainda que, muito exemplarmente, ninguém fazia uma menção a Andrés Nin que também era escritor. Na verdade, Orwell se antecipa de 15 anos pelo menos a toda a intelectualidade e estudiosos das academias ao utilizar, melhor, ao dar conteúdo conceitual à palavra totalitarismo. Somente depois o termo será utilizado por Hanna Arendt.

Enfim, em *Hommage à la Catalogne* Orwell mostra como o élan revolucionário ia na direção de mudar as relações para um processo de socialização crescente, e não apenas no campo da reforma agrária. As zonas liberadas, ditas republicanas, entretanto, como em toda a Espanha, tal élan vai rapidamente ser destroçado e não apenas pela intervenção dos nazi-fascistas, mas também pela da social-democracia e por aquela estalinista.

Todo esse processo brilhantemente explicado através da extraordinária capacidade de síntese que tem esse quebequense muito pouco conhecido na nossa terra, surgiu para ele sob a forma de livro,



como por uma febre. Ele se encontrava na Espanha em 2003 para o lançamento de uma tradução do seu "gros pavê" *Fondements et limites du capitalisme*. E seu tradutor lhe oferece um exemplar do *Homenagem à Catalunha* e aí estupefato se deu conta da profunda lucidez com a qual Orwell aborda os elementos da conjuntura em causa. O mais impressionante é que Orwell não havia passado antes por nenhuma escola de formação em marxismo. A sua capacidade dialética de apreender a realidade dos processos em causa era de uma espontaneidade estonteante. Orwell será obrigado a fugir da Espanha em péssimas condições físicas e correndo enormes riscos de vida. E ele fez tudo isso, naturalmente e sem fazer gênero, do mesmo modo que viveu entre os miseráveis de Londres e Paris, do mesmo modo que escreveu, combateu e viveu. Melhor dito seria: Blair e Orwell são um modo de vida. Socialista democrático e libertário militou no Partido Trabalhista Independente, mas depois o deixou, integrou-se ao Tribune sem fazer escola como teórico. Provavelmente porque exigia de todos que comungavam os mesmo ideais uma vida conforme a tais princípios, buscando a verdade e a liberdade, a sua e a dos outros. Contudo, para ele não existia possibilidade de harmonia ou conciliação entre as "necessidades ideológicas" com as manipulações em nome de razões partidárias ou de Estado. Internacionalista convicto não era intransigente com patriotas do mesmo modo que era com nacionalistas.

No final da vida, deixou a editoria cultural do *Tribune*, e em

1944 adota, com sua mulher Eileen, uma criança: Ricard Honorato Blair. Seu apartamento é bombardeado. É obrigado a ganhar dinheiro para manter a família e segue como correspondente do *Observer* à França e Alemanha. Eileen morre e é obrigado a regressar para cuidar do filho. Seu consolo é que depois de muito tempo recusado pelos editores, *Animal Farm* é finalmente lançado. Em 1947 é diagnosticada tuberculose em um dos seus pulmões, mas consegue ainda ter esperanças: casa-se com Sonia Brownell e morre em 1950 deixando-a como herança a modesta "fortuna" de seus livros.

Louis Gill, entretanto, não se contenta em prender Orwell a esse passado. Remeteu-o ao nosso presente. O ressurgimento da extrema direita no mundo, as contradições do capitalismo mundial que acentuam a importância da economia de armamentos, as manipulações da história cujo caso mais grave e recente são os acontecimentos ligados ao 11 de setembro de 2001, parecem só querer dar razão a Orwell. Segundo Gill, nós vivemos hoje num sistema totalitário mundializado pelo neoliberalismo de um capitalismo decadente e que leva a humanidade inteira ao precipício.

No final do seu livro pergunta-nos: "Estamos condenados definitivamente?". A resposta de Gill, curta nesse livro, é sintetizada colocando na capacidade das grandes massas da população (o verdadeiro povo de Jules Michelet ou de 1917) a se colocar contra tal evolução negativa, organizando sua coesão e sua ação coletiva, do mesmo modo que acreditava Orwell. Mas assegura também que, as vitórias





eleitorais da extrema direita em vários países nos últimos anos mostram que a generalização da barbárie não pode ser tratada como uma “simples hipóteses de escola”. O alerta desesperado de Orwell é atualizado por Gill com alguma esperança que não seja apenas a da vontade como queria Gramsci.

### Obras citadas

AZAÑA, Manuel. **Causas de la Guerra de Espana**. Barcelona, Crítica/Grijalbo, 1986.

BROUÉ, Pierre. **La révolution et la guerre d’Espagne**. Paris, Minuit, 1961.

\_\_\_\_\_. **Stalin et la révolution : le cas espagnol**. Paris, Fayard, 1993.

\_\_\_\_\_. **Histoire de l’Internationale Communiste 1919-1943**. Paris, Fayard, 1997

CRICK, Bernard. **George Orwell: une vie**. Paris, Seuil, 1984.

HERMET, Guy. **La guerre d’Espagne**. Paris, Seuil, 1989.

NÓVOA, Jorge. *A Espanha incandescente*. In: **O Olho da História**, V. 2, n. 2, Salvador, 1996.

### Notas

<sup>1</sup> Aposentado do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade do Quebec em Montreal, onde trabalhou de 1970 a 2001, autor renomado de extensa obra na qual se destaca sua leitura de Marx, do capitalismo atual e do lugar da economia de armamentos está publicando conosco. Cf. GILL, Louis. *A guerra dos Estados Unidos “contra o terrorismo”. Uma análise marxista do militarismo*. In: NÓVOA, Jorge (org.) **Incontornável Marx**. Salvador, EDUFBA, São Paulo, EDUNESP, 2006 (no prelo).

<sup>2</sup> Louis Gill assinala que mais de uma versão existe deste texto sendo que uma foi publicada sem o acordo de Orwell na revista Britânica *New Road* em 1943. Nesta versão passagens politicamente muito significativas ficaram de fora.

